As Mulheres Semeando Autonomia: A importância das Casas de Sementes Comunitárias na busca pela emancipação feminina.[1]

Ma. Mônica de Moura Barbosa [2]
Gema Galgani S. L. Esmeraldo [3]
Ma. Geórgia Pitombeira Figueiredo [4]

RESUMO

Um dos instrumentos de resistência e emancipação que as mulheres camponesas vêm utilizando para serem reconhecidas e inseridas é através da participação nas casas de sementes comunitárias. Esse artigo trata-se de um estudo realizado na casa de sementes do bairro Bandeira Branca no município de Massapê-CE. Nas comunidades as mulheres coordenam e são associadas e vem contribuindo no fortalecimento e resgate das sementes crioulas, bem como a inserção da mulher abrangendo diversas dimensões de natureza ambiental, política, econômica e social. O objetivo desse artigo é analisar como se dá à participação das mulheres dentro desses espaços, a compreensão delas acerca do tema das sementes crioulas e quais as mudanças ocorridas em suas vidas desde que assumiram determinados papéis.Como procedimento metodológico utilizou-se a abordagem de natureza qualitativa através das técnicas de entrevistas semiestruturadas, observação participante e uso da metodologia com grupos focais com os sujeitos da pesquisa. Por meio dessa ferramenta de inserção foi possível identificar que as casas de sementes contribuem para a inclusão da mulher, construção de uma nova forma de pensar e agir trazendo resinificado para suas vidas.

Palavras-Chave: Casa de Sementes Comunitárias. Mulher Camponesa. Comunidades Rurais.

1. INTRODUÇÃO

Um dos elementos abordados na Agroecologia é o cuidado com as sementes crioulas.A semente é a responsável pela garantia da continuidade da vida

[1] Esse artigo é parte da dissertação de mestrado intitulada: "Casa de Sementes Comunitárias: Estratégia de resistência e manutenção da vida camponesa"

[2] Graduada em Zootecnia - Universidade Estadual Vale do Acaraú- monica.mourab@gmail.com
[3] Doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará - gemaesmeraldo@gmail.com
[4]Graduada em Geografia- Universidade Estadual do Ceará- georgiafigueiredo13@gmail.com

vegetal e consequentemente pela grande variedade de espécies existentes em nosso planeta. Elas são ao mesmo tempo protetoras e propagadoras da sua espécie, carregando dentro de si o embrião, representante da nova vida. As sementes são uma das grandes responsáveis por mudanças na vida das camponesas.

É atribuída às mulheres a descoberta da agricultura, segundo os povos antigos eram elas que jogavam ao redor de suas moradias sementes retiradas dos frutos colhidos nas matas, com isso nasciam plantas que até então não existiam ali. Esta afirmação da relação entre a figura feminina e o desenvolvimento da agricultura pelas civilizações primitivas é um aspecto que tem sido abordado com bastante ênfase na literatura. Segundo Dominguez et.al.(2000) é mais provável que tenham sido as mulheres que primeiro enterraram sementes no solo e iniciaram a doma dos animais jovens, alimentando-os e tomando conta deles, como faziam com seus filhos. As mulheres começaram a perceber a capacidade de germinação e, a partir deste fenômeno, a possibilidade de "concentrar" a produção dos alimentos.

A relação das mulheres com as sementes crioulas por um tempo permaneceu invisibilizada em consequência do modelo desenvolvimentistaque provocou muitas alterações na agricultura camponesa. Na perspectiva de trabalhar na contra hegemonia emergem as casas de sementes comunitárias na década de 70 se constituindo uma estratégia de resistência no resgate das sementes crioulas e como uma ferramenta que vem sendo utilizada pelas mulheres na busca pela de reconhecimentoe emancipação.

Diante do que foi exposto esse artigo tem como objetivo analisar como se dá à participação das mulheres dentro desses espaços, a compreensão delas acerca do tema das sementes crioulas e quais as mudanças ocorridas em suas vidas desde que assumiram determinados papéis. Para tanto, realizou-se uma análise centrada nas práticas e percepções destas mulheres no que se refere à (re) produção e multiplicação de sementes crioulas e sua possível contribuição para a produção de alimentos para o autoconsumo de forma sustentável no município de Massapê.

Buscando empoderar o saber das mulheres e suas relações com as sementes crioulas, foi utilizada a técnica de entrevistas semiestruturadas,técnica de

grupos focais, observação participante, conversas informais, entrevistas semiestruturadas e registros audiovisuais (fotografia e gravações) com os sujeitos da pesquisa.

2.Casa de sementes do Bairro Bandeira Branca

Desde 1980 a Cáritas Diocesana de Sobral atua na Zona Norte do Estado trabalhando com projetos voltados para as casas de sementes comunitárias.Esses trabalhos começaram aproximadamente no ano 1993 quando a Cáritas trabalhou com projetos de roçados comunitários, hortas familiares, etc. Nesse ano já existia em outros municípios do Ceará animado pelo ESPLAR e Movimento de Educação de Base (MEB) algumas casas de sementes. Assim, como estratégia de reforçar o trabalho comunitário e preservação das sementes crioulas a Cáritas começa a incentivar a criação das primeiras casas de sementes. Atualmente na Zona Norte do Estado do Ceará, existem cerca de 29 casas de sementes comunitárias, sendo que Massapê possuem 12 somando 180 homens e 171 mulheres totalizando 351 pessoas.A casa de sementes comunitária escolhida para realização da pesquisa localiza-se no município de Massapê na Zona Norte do Estado do Ceará, mais especificamente no bairro Bandeira Branca. Essa casa apresenta uma particularidade por ser a casa que apresenta uma forte participação feminina se comparada às outras casas da região. O bairro situa-se na periferia de Massapê com uma população estimada de 782 habitantes, sendo composto por 51,41% de mulheres e 48,59% de homens (IBGE, 2010).

2. As Mulheres Semeando Autonomia

Uma questão importante que vem sendo levada em consideração antes da abertura de uma casa de sementes é a inclusão da mulher. As funções são delimitadas por elas e em consenso com a comunidade ou assentamento da qual fazem parte. A iniciativa para abrir a casa no bairro começou quando a coordenadora Antonia dos Santos Arruda, também chamada de Tunilda participou de um encontro no STTR sobre o tema e achou que seria importante levar para o

bairro. A empolgação contagiou outras mulheres que acreditaram e apostaram na proposta e daí nasceu a casa.

Elas armazenam as sementes em um pequeno espaço na casa da coordenadora e atualmente vêm se organizando para construir a casa de sementes em um terreno que fica ao lado da casa da coordenadora. Para arrecadar dinheiro para efetivar a construção as moradoras vêm organizando bingos para compra dos materiais. Além da casa elas querem construir mandalas com plantio de hortaliças, frutas e verduras.

Na casa de sementes do bairro Bandeira Branca as mulheres montaram um roçado comunitário, em um terreno particular administrado e cultivado por elas e com ajuda de seus maridos.As mulheres contam que nos dias de plantio saem de casa ás 6h da manhã e caminham por mais de uma hora até chegar ao roçado comunitário distante 9 km do bairro. Do roçado comunitário do bairro são produzidas algumas variedades como: milho, feijão, jerimum, melancia e mandioca. Toda essa produção é utilizada para subsistência dessas famílias e as sementes são utilizadas para abastecer a casa. A coordenadora conta que a ida ao roçado é a parte mais importante do seu trabalho, pois segundo ela esse momento é importante para conversar, cantar estreitar os laços com as outras agricultoras.

Elas contam que o plantio é um momento de alegria, e a música é parte fundamental na atividade. Elas cantam enquanto plantam. As sócias cultivam também algumas espécies de plantas medicinais em seus quintais como: mastruz, malva, noni, capim santo, cidreira, manjericão.

A manifestação positiva da casa está diretamente relacionada ao cultivo de sementes, que historicamente sempre esteve associado ao trabalho feminino. Com o Resgate desta atividade foi possível iniciar o processo de valorização de uma prática que estava sendo substituída pela compra de sementes comerciais. Sobre esta questão a diretora do STTR comenta:

> A semente nossa a terra não recusa, essa aí do governo a terra só da um ano e é envenenada. Tem pessoas de outras comunidades com câncer, eles tiravam do governo para receber o documento que comprova que é agricultor comia tanto milho como feijão. A semente do governo vem com uma tinta, essa tinta é venenosa mesmo cozinhando ela solta uma tinta que

> parece caldo de beterraba e aquela "golda" dá problema de saúde. (Coordenadora, 48 anos).
>
> As nossas sementes são a melhor coisa que existe, pois são nossas, é importante, pois temos sementes pra plantarmos quando a gente quer, não precisa ficar esperando a do governo (Sócia, 34 anos).

Nos relatos é possível perceber como o processo de valorização das sementes crioulas resgatou e valorizou práticas voltadas para a produção da própria alimentação. Observa-se nas entrevistas que a produção de sementes crioulas atualmente é motivo de orgulho para muitas mulheres. O relato da coordenadora vem mostrar a valorização das sementes crioulas para a produção de alimentos representando com isso uma a resistência às sementes “comerciais”.

> As sementes da gente são sementes boas, que tem certeza que vai dá frutas. As sementes do governo não são seguras, faz mal para a saúde, pois tem veneno e só dura um ano, as nossas sementes são sementes que não vão se perder, sempre vamos ter se guardarmos (Sócia, 26 anos).

Algumas mudanças ocorreram na vida dessas mulheres depois que começaram a trabalhar com as sementes crioulas, foi possível perceber que elas ficaram ativistas, participando de palestras, eventos, tudo que for relacionado à Agroecologia, sementes crioulas, direitos da mulher dentre outros assuntos. A casa de sementes vem a contribuir também nesse aspecto, facilitando o acesso a movimentos sociais e inclusão feminina. Essas mulheres passaram a buscar mais por seus direitos, a se conhecer mais e realizar mudanças em busca de suas autonomias. Essas mulheres já participam das atividades agrícolas através dos quintais produtivos vendendo hortaliças, participam da casa de sementes e agora começaram a produzir artesanato em vista de ter uma atividade extra para contribuir financeiramente na renda familiar e ao mesmo tempo em sua independência financeira.

3.1 Grupo de mulheres do bairro Bandeira Branca

Com o intuito de fortalecer a organização feminina floresceuo grupo de mulheres no bairro em 2010 juntamente com a casa de sementes por iniciativa da coordenadora da casa. O grupo atualmente conta com 37 mulheres com idade entre

de 25 e 55 anos. As reuniões do grupo oficialmente acontecem duas vezes por mês, ou quando surge a necessidade de conversarem sobre algum tema importante. Dentre o assuntos abordados nas reuniões encontram-se: Previdência Social, casa de sementes, cadastramento de sócias (os), INSS, geração de renda, saúde, dentre outros assuntos. Esse momento é importante para partilha de informações, união dos laços, do compartilhamento de experiências e trajetórias de vidas. É nesses espaços que externalizam os seus desejos, os seus sonhos de mulheres, trabalhadoras e mães. Para o técnico da Cáritas o grupo vem trazendo autonomia para as mulheres do bairro Bandeira Branca, conforme relata em baixo:

> O grupo de mulheres de Bandeira Branca tem sido uma revelação no sentido de sua fortaleza que mesmo morando na periferia da cidade continuam fazendo a roça comunitária. O trabalho comunitário e na casa de sementes tem sido um espaço de autonomia e independência das mulheres em relação à sociedade. O trabalho tem gerado frutos e quebrado preconceitos principalmente em relação à dependência que a cidade tem dos produtos agrícolas. Enfim, tem sido uma forma concreta de enfrentar o machismo dentro de suas famílias e ao mesmo tempo de construir ideias novas em relação autoafirmação das mesmas (Técnico da Cáritas, 32 anos).

No dia-a-dia dessas mulheres observam-se diferentes espaços de vida e de trabalho compondo seus cotidianos, dentre eles o espaço da roça e o espaço da casa. O espaço da roça é o que denota maior importância, nesse posto as mulheres do bairro vêm ganhando respeito e valorização.

Já o espaço da casa representa o da reprodução que é constantemente visto como de valor nulo, se analisado sob a lógica capitalista, porque não gera lucro. O grupo de mulheres veio para trazer várias mudanças na vida das entrevistadas, vem a ser mais um espaço que está sendo conquistado, pois segundo as moradoras antigamente ninguém participava de nenhum grupo, as mesmas ficavam mais em casa não participavam nem do roçado comunitário, pois não tinha, pois o mesmo veio junto com a casa de sementes.

> O nosso grupo ajudou muito, começamos a se encontrar, se animar. Antes da casa de sementes tinha que comprar no mercado as sementes. Agora todas podem plantar (Sócia, 52 anos).

Para essas mulheres o trabalho com as casas de sementes é sinônimo de autonomia, de conquista de espaços. As mulheres contam que depois que começaramos trabalhos com as sementes crioulas elas se tornaram mais independentes. Atualmente o grupo do bairro Bandeira Branca vem aumentando e trabalhando com cadastros de novas sócias no bairro. Segundo as entrevistadas a procura para participar do grupo de mulheres e da casa vem aumentando bastante.

> "Minha família sempre guardava sementes em casa, e eu sempre guardei, tenho até um feijão chamado quarentinha que ninguém tem mais, eu fiz foi emprestar para outras comunidades que não tinha. " (Sócia, 46 anos)

Este é o espaço de trocas de sementes, experiências, divulgação e fortalecimento do grupo das mulheres que veem no cultivo das sementes crioulas a possibilidade de reforçar laços de amizades. Para essas mulheres, a troca das sementes cria laços de afinidades. Ao estudar o simbolismo Santos (2005), descreve que as relações estabelecidas pela troca de sementes crioulas resultam de laços de amizade e afinidade, que contribuem para a troca de experiências sobre o cuidado com a horta, formando uma rede de disseminação. Essa característica permite às mulheres, ao trabalharem na horta, apreenderem o conhecimento sobre os cultivos, estando mais aptas à produção agroecológica. Essa realidade foi também identificada no estudo de Karam (2004), que apresenta a mulher como precursora na mudança para a agricultura orgânica, por deter conhecimentos tradicionais e a guarda das sementes crioulas.

No grupo de mulheres também se pretende com as práticas de cultivo, novas e acumuladas, promover as discussões sobre as relações que permeiam o universo das mulheres agricultoras como, por exemplo, a produção de alimentos, as relações com o mercado, a ecologia, as questões de gênero, o trabalho e a família. O grupo trabalha pela viabilização de uma agricultura com maior respeito à natureza e valorização do conhecimento local para a garantia de uma base alimentar saudável, em oposição ao modelo monocultor.

Nesse contexto é importante perceber que as casas contribuíram até mesmo para que houvesse um maior interesse das sócias pelo acesso ao

conhecimento. Nesse sentido a participação em cursos e eventos é a garantia de acesso a novos conhecimentos. Todas as entrevistadas afirmaram terem participado ou de cursos, palestras, reuniões sobre novas técnicas e consideram importantes espaços para troca de experiências com outras camponesas. Segundo a coordenadora da casa da Bandeira Branca:

> Desde que abriu a casa participei de cursos em Sobral de prevenção da tecnologia e em Fortaleza falando sobre saúde, ensinamentos que não podia aguar o roçado que dava doenças e também sobre queimadas em nossos roçados (Coordenadora, 48 anos).

Nesta fala identificamos mudanças de comportamento a partir da problematização da realidade, quando identificam as práticas predatórias e as consequências para eles e a natureza. O novo conhecimento aponta para mudança de técnicas.Identificamos durante a pesquisa que as entrevistadas participam/participaram de mobilizações promovidas pelos movimentos sociais como: Romaria da Terra, Marcha das Margaridas, Grito dos Excluídos. Foi possível constatar também que depois que as casas de sementes foram abertas houve um maior estimulo as sócias para participarem de eventos e cursos para conhecer mais sobre os assuntos e passar o conhecimento adquirido para as outras pessoas da comunidade.

Para Freire (1983), só aprende realmente aquele que se apropria do apreendido transformando-o em situações existenciais concretas. Para tanto, uma reflexão sobre a realidade faz de cada indivíduo um sujeito de relações, que se percebe como tal. No caso do camponês, as suas interações com a natureza formam um cordão umbilical nas relações camponês-natureza-cultura, que resulta na totalidade cultural e faz com que o camponês se sinta mais como parte da natureza do que seu transformador (FREIRE, 1983).

Baseado nessas informações fica claro que essas camponesas vêm partindo dos questionamentos de suas condições estruturais (acesso aos meios de sobrevivência) para interpretar e "desmontar" ideologicamente o sistema que os oprime, inclusive quanto á construção das subjetividades, que é fundamental para entender o papel dos homens e mulheres nas suas relações com o meio natural.

Elas estão se organizando para propor transformação desse sistema, projetando ideias e utopias a serem construídas por intermédio de ações políticas coletivas. Não se colocam como vítimas do sistema, nem como salvadoras do planeta, são camponesas lutando por seus direitos de serem sujeitos plenos de suas vidas.

4. Conclusão

As casas de sementes se estabelecem como um instrumento agregador e uma tecnologia social de grande relevância para as camponesas, considerando que exerce papel importante na preservação do resgate não apenas das sementes, mas da cultura popular que resiste em preservar as sementes crioulas. Após a realização da análise das entrevistas com a observação feita durante a atividade de campo, pode-se concluir que as sementes crioulas têm um papel fundamental na garantia da Soberania Alimentar e autonomia das camponesas. Para elas as sementes possuem vários significados desde renda, alimento, autonomia, segurança, alegria, cultura, valor sagrado, saúde, preservação do meio ambiente, sustentabilidade, manutenção do saber popular e futuro.

As casas de sementes vêm a contribuir para o reconhecimento da importância dos conhecimentos milenares depositados no processo de melhoramento e seleção das sementes de crioulas realizadas pelas camponesas. Esse conhecimento se configura como uma resistência ao modelo predominante, na intenção de continuar com as sementes “em suas mãos”, para que, sobre elas, possam depositar o resultado de seus aprendizados permanentes resultantes de cada plantio, de cada colheita e da troca efetivada.

Identificamos através dos relatos uma melhora significativa na vida das mulheres depois que começaram a trabalhar com as sementes. Algumas se tornaram mais ativistas, participando de palestras, eventos, passaram a participar de grupos e desejos por mais conhecimento. A casa de sementes vem contribuindo também nesse aspecto, facilitando o acesso à movimentos sociais e inclusão feminina. Essas mulheres passaram a buscar mais por seus direitos, a se conhecer mais e realizar mudanças em busca de suas autonomias. As casas de sementes

vêm trazer uma mudança na maneira de pensar, agir e ser para o reconhecimento do trabalho da mulher.

REFERÊNCIAS

DOMINGUEZ, O. Carlos. E. et al. **Sistema informal de sementes: causas, consequências e alternativas**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2000. 206p.

FREIRE, Paulo**. Extensão ou comunicação?** 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

IBGE-INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo Demográfico 2010. Disponível: <http://www.ibge.gov.br>>.Acesso em: 25 de março de 2013.

KARAM, Karen Follador. A mulher na agricultura orgânica e em novas ruralidades. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.12, n.1, jan./abr., 2004.

SANTOS, Carlos Roberto Antunes dos. Alimentação e seu lugar na História: os tempos da memória degustativa. **História:** Questões & Debates, Curitiba, n. 42, p. 11-31, 2005.